

Imaginar é preciso

Joanna Latka

Jose Taklyn

Zé Minderico

FICHA TÉCNICA

Organização: MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal /
AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.

Artistas: Joanna Latka, José Taklyn e Zé Minderico.

Curadoria: Joaquina Soares.

Textos: Ana Maria Pereirinha, Joaquina Soares, José Cascada, José Minderico e Rui Garcia.

Montagem da exposição: Ana Férias e Júlio Costa.

Montagem do catálogo: Ana Castela.

Tipografia Belgráfica. 250 exemplares.

Série "Publicações de Arte". ISSN 2182-9292.

De 18 de Maio a 21 de Agosto de 2021.

Dia Internacional dos Museus 2021

Inspirado pela temática escolhida pelo ICOM para celebrar o Dia Internacional dos Museus, o MAEDS organizou uma jornada cultural que cruza a visita a um dos mais belos trechos do património agro-paisagístico da Arrábida (Vale do Alcube), com a criação artística, que mostra no seu interior, inaugurando três exposições autorais que dão largas à imaginação, quer na interpretação do Passado, quer na projeção do Futuro.

A boa integração do MAEDS na Região e o diálogo que mantém com os parceiros sociais, articulado com uma visão abrangente do percurso das sociedades humanas, conferem à sua atividade importante papel no intercâmbio e enriquecimento cultural, na educação para a cidadania e para o desenvolvimento sustentável.

Termino com uma saudação muito especial aos trabalhadores do MAEDS e a todos os trabalhadores dos Museus do Distrito de Setúbal, que têm sabido conservar o património regional e manter viva a participação dos museus na construção do Futuro.

Rui Garcia
(Presidente do Conselho Directivo da AMRS)



Imaginar é preciso...

Já com a antevisão dos tempos pós-pandémicos, a abordagem curatorial subjacente às exposições do Dia Internacional dos Museus, no âmbito da temática sugerida pelo ICOM, valorizou a procura da multivocalidade.

Os artistas que aceitaram o desafio lançado pelo mote das presentes exposições, com experiências de vida, técnicas e estilos muito diferenciados, convergem na reflexão sobre a impossibilidade de não vivermos juntos em um planeta sem fronteiras, por mais que os “poderosos” tentem barricar-se atrás de muros. Desta forma, o olhar volta-se para a cidade e território que a nutre nos mais diversos sentidos, esperando que a nossa curadoria possa, mesmo que modestamente, dar o seu contributo para o debate público sobre o papel dos museus e dos criadores culturais na modelação dos espaços que coabitamos e na sua projecção futura.

Os trabalhos de Joanna Latka, de um particular maravilhoso, oscilam entre a elevada densidade de corpos humanos em alguns lugares (a saturação do número!) e a fuga nostálgica para a Natureza e para a infância dos dias longos e felizes, ou para a sua imitação.

Com José Taklyn, heterónimo de José Cascada, a cidade é o palco onde todos os conflitos e interacções se agudizam e resolvem. Dentro de muralhas, ou de portas abertas e por pontes ligadas, a paz pode também acontecer se os humanos nela persistirem. Os dados estão lançados, e o “destino” da Humanidade volta a estar nas suas mãos, com muitas camadas por decifrar, é certo, mas o tempo é de urgência.

Os desenhos de Zé Minderico têm um carácter retrospectivo, mas também prospectivo; debruçam-se sobre uma realidade urbana do Passado que precedeu a cidade onde hoje vivemos, e que é o seu protótipo - a cidade romana de *Caetobriga*.

Este projecto de reconstituição visual leva em consideração informação arqueológica, sobretudo a proporcionada pelas escavações do MAEDS, mas também pelas fontes literárias e tratados clássicos de arquitectura, a par de verosímeis propostas do seu autor pela experiência dos lugares e da concepção arquitectónica do espaço. Afinal imaginar é preciso.

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

Joanna Latka // Blue Moon



Blue Moon

*If they say the moon is blue,
We must believe that it is true.*

(provérbio inglês, registado em 1528)

Conhecer o trabalho de Joanna Latka (n. 1978, Polónia) é entrar por um imaginário sempre vibrante, irrequieto e inquieto, como a artista: trabalhadora incansável, prolífica, entre a produção artística, o ensino e a investigação, Joanna Latka parece ter um *dáimon* a movê-la que resgata a própria figuração do Demónio que volta e meia visita a sua obra, esse «Deus da Imaginação», perdido porque não cria. Formada em gravura e desenho pelo Instituto das Artes de Universidade de Pedagogia em Cracovia (2003) e em ilustração pela CITEN da Fundação Calouste Gulbenkian (2004) e pelo ISEC (2006), docente no IADE e na Contraprova, (o estúdio de gravura de que é co-fundadora, em Lisboa), bolseira da FCT, investigadora do Instituto de História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a terminar, neste momento, um doutoramento sobre A Gravura Contemporânea Portuguesa. Pensemos neste percurso a par das várias dezenas de exposições, a solo ou em colectivo, que fez nos últimos 20 anos e teremos um panorama elucidativo.

A obra de Joanna Latka nunca está parada, está sempre em movimento — a circular entre técnicas, meios, públicos, finalidades, universos, entre explosões de cor e o traço monocromático da incisão de ponta-seca na matriz de gravura. Da mesma forma, as personagens que a habitam não param — e basta olharmos para as gravuras aqui expostas, à luz desta *Blue Moon*, para isso se tornar evidente. Latka vive, artisticamente, daquilo que capta no dia-a-dia, nos transportes públicos, nas conversas, no café, nas notícias, nas preocupações da espuma dos dias e no que elas reflectem. E a sua obra é

sempre reflexiva, produto dessa «atenta antena» que não tem botão de desligar. As abordagens são diversas, do humor, que é a coisa mais séria do mundo, à ironia, que finge ser séria, e é.

Blue Moon remete-nos para a canção romântica popularizada por Billie Holiday, na sua voz dolorida, única. A canção fala-nos de alguém — uma mulher, no caso — que estava sozinha e infeliz e pede um desejo à *Blue Moon*, essa Lua Azul que é um fenómeno mais ou menos raro, causado por acertos no calendário e apropriado desde há muitos séculos pelo imaginário popular. A Lua Azul concede-lhe o desejo de encontrar «um amor só dela», alguém de quem ela «possa tomar conta»: «someone I really could care for». Feito o casamento, o fim do poema — que normalmente se trauteia como sendo um final feliz — pode significar tudo menos isso: «Now I'm no longer alone / Without a dream in my heart / Without a love of my own». Note-se que o príncipe encantado, esse que «será o único que os meus braços abraçarão» nunca lhe sussurrou «Adoro-te», mas sim «Please adore me», «Adora-me». Já não está sozinha porque há muitas, imensas outras mulheres a boiarem neste *Rio das Almas* que a Joanna Latka nos faz ver: esvaziadas de sonhos e do que pensaram ser o amor, esvaziadas de vida, literal ou simbolicamente. Porque o que sussurra «adora-me» em *Assim se vive* é o carcereiro que guarda a chave da prisão. Porque neste mundo das mulheres onde há liberdades e cumplicidades, mas também invejas e solidão, falta ainda inventar uma *Quinta Fase da Lua* que seja uma saída para o seu fado lunar e cíclico. A lua é azul? Quem disse?

Ana Maria Pereirinha
Galeria Monumental - Maio, 2021



Assim se vive | água-forte/água-tinta, 40 x 50 cm (matriz), 2020-21



Tudo tão natural | água-forte/água-tinta, 40 x 50 cm (matriz), 2020-21



Walking the dog | água-forte/água-tinta, 28 x 29,5 cm (matriz), 2011

Rio das Almas | água-forte/
água-tinta, 28,5 x 56,5 cm
(matriz), 2007



JOANNA LATKA



Doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, professora de ensino superior (IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação / Universidade Europeia). Cofundadora de Atelier de gravura Contraprova (Lisboa). No plano artístico, dedica-se exclusivamente à gravura, ilustração e desenhos a tinta-da-china, incorporando variações baseadas nas técnicas de desenho e ilustração contemporâneas. A artista está representada em várias coleções públicas e privadas, conta com mais do que 30 exposições individuais e cerca de 60 coletivas, tanto em Portugal como no estrangeiro, como por exemplo: Polónia, Alemanha. França, Hungria, Holanda, Itália, Brasília, Colômbia, Cuba, Canada. Foi selecionada para diversos concursos de ilustração e bienais de arte, tais como Prémio Amadeu de Souza-Cardoso (2020) ou Bienal de Cerveira (2017), entre muitos outros. É representada pela Galeria Monumental (Lisboa).
Exposições individuais:
2020 CAOS, Viseu;
2019 Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo;
2019 Passevite, Lisboa;

2018 Galeria Salgadeiras, Lisboa;
2018 Teatro Municipal de Baltazar Dias, Funchal;
2017 Manifaceto Amsterdam Gallery, Amsterdam, Holanda;
2017 Passevite, Lisboa;
2016 José Rosinha Art Gallery Wall, Fundação Escultor José Rodrigues, Porto;
2016 Galeria Czarna, Nowohuckie Centrum Kultury, Cracóvia, Polónia;
2015 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2015 Auditório Municipal Augusto Cabrita Reis, Barreiro;
2013 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2013 Casa das Artes em Tavira, Tavira;
2012 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2012 Galeria Municipal de Ourém, Ourém;
2011 Centro Português de Serigrafia, CCB, Lisboa;
2011 Galeria ART-ECK, Solinger, Alemanha;
2011 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2010 Galeria Fábulas, Lisboa;
2009 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2009 Centro Cultural do Cartaxo, Cartaxo;
2008 Lagar de Azeite, Oeiras;
2008 Museu Dwory Karwccjanow i Gladyszow, Gorlice, Polónia;
2008 Centro Cultural do Cartaxo, Cartaxo;
2007 Galeria das Salgadeiras, Lisboa;
2007 Galeria Centrum, NCK, Cracóvia, Polónia;
2006 Centro de Arte Moderna Solvay, Cracóvia, Polónia;
2006 Galeria Brama Szczecin, Polónia;
2005 Galeria Szalom, Cracóvia, Polónia;
2004 Galeria Café-Szafce, Cracóvia, Polónia;
2004 Tertúlia jazz bar, Lisboa;
2004 Termas de Monchique organizada pela Galeria Castelo66 e Fundação Oriente, Monchique;

Prémios:

2009 Menção Honrosa do 6º Festival Nacional de Gravura, Évora;
2007 Menção Honrosa em Gravura na 5ª Bienal de Vila Verde;

<https://www.joannalatka.com/>



José Taklyn // **As cidades impossíveis**



Unforgettable trip | técnica mista s/papel, 54x64cm, 2020

As cidades impossíveis

desafiando a realidade com José Taklyn

Na pintura de José Taklyn há duas vertentes dominantes. Uma mais figurativa, outra assimilável a um sistema expressivo de forças.

Na primeira há uma cisão entre um lado ameno e outro mais agreste em que as formas ainda reconhecíveis configuram uma disposição ora dramática ora irónica.

Na segunda a abstracção não se inscreve em qualquer estratégia estética nem decorre de qualquer discurso teórico. Assenta antes na necessidade de se ultrapassar de forma exigente e talvez purificadora.

Em cada caso porém, a seu modo chega a ser brutal mesmo quando amenizada por uma expressividade poética mais serena.

A obra realiza-se numa tensão construção/-destruição de que resulta o seu dramatismo.

Um rumor atravessa estas pinturas, o sopro de uma frase não dita, um apelo inarticulado... É como POESIA na sua totalidade fascinante e paradoxal que a pintura de José Taklyn deve ser entendida e interpretada.

Desta vertente poética decorrem AS CIDADES IMPOSSÍVEIS.

Cidades de sonho e invenção, são lugares improváveis, áridos e por vezes inquietantes onde porém a liberdade respira e o silêncio dialoga com o cosmos e a condição humana.

Nasceram da descoberta dos penedos habitados de Meteora, paisagem arrebatadora da Tessália, na Grécia Central, tão espantosos que se impunham como um protótipo imperioso que abria caminho entre todas as formas possíveis ao abordar a tela.

Construídos com os destroços da memória, de emoções, e de uma interminável procura da inocência perdida, são postos de observação e de vigia (lá de cima vê-se tudo) e de recolhimento onde o imperativo da criação e da comunicação artística alcançam realização em liberdade.

Erguem-se com um sorriso irónico sobre a realidade chã numa inventiva feliz composta de fulgores e cintilações surpreendidas ao longo de uma UNFORGETTABLE TRIP.

José Cascada



O cerco de Alcácer | técnica mista s/tela, 60x73cm, 2019



Maratona nas alturas | técnica mista s/tela, 81x100cm, 2019



A cidade do pó (*antineo*) | técnica mista contraplacado, 73,5x55cm, 2020

JOSÉ TAKLYN



É natural de Lagos onde nasceu em 1943.

Pintor autodidacta, estudou História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e participou em várias oficinas de pintura em Florença.

Frequentou na Fundação Gulbenkian o curso “Pintura e desenho do século XX” orientado pelo pintor João Queiroz.

Entre as múltiplas exposições individuais e colectivas em que participou desde 1989 contam-se as seguintes:

1998 Galeria de Arte do Casino Estoril;

2001 Galeria 65ª. Lisboa;

Galeria Arte e Oficina. Setúbal;

2004 Artistas Portugueses Contemporâneos. Ministério das Finanças. Lisboa;

2008 Embarcações Tradicionais do Sado. Setúbal;

2009 Galeria Groupama Arte. Lisboa;

2010 Paisagens com Memória. Da arqueologia à pintura. MAEDS;

2011 Cruzando a Diversidade cultural. MAEDS;

2021 As Cidades Impossíveis. Desafiando a realidade com José Taklyn. MAEDS.

Zé Minderico // Imaginar Caetobrigo



Imaginar Caetobriga

Projecto em construção

Introdução

Na prática de Desenho à Vista, o processo de intercomunicação olho | cérebro | mão, tem como modelo algo tangível e muito próximo. Quer se trate de uma paisagem, de uma natureza morta ou de um retrato, existe uma intimidade visual entre as partes e uma evolutiva construção inerente do todo. No caso da reconstituição histórica de *Caetobriga*, esta intercomunicação fundada no olhar cria corpo na pesquisa documental, imaginação e intuição pessoal. A inspiração vem da própria paisagem onde ocorreu a acção, onde a realidade de há 2000 anos, congregando documentos e textos, ilustrações e referências gráficas, comparações cartográficas e observações comparativas numa determinada esquina da cidade, se revela na ponta do lápis, numa tentativa humilde e ambiciosa de ilustrar as histórias, o passado...

“Imaginar *Caetobriga*” mostra o entusiasmo da descoberta. Do esquiço simples e imediato, que quis trazer ao papel as imagens que o cérebro sugeria num fugaz instante, à necessidade refinada de uma modelação tridimensional de grandes proporções que nos remete a uma maior proximidade do realismo visual. Esta exposição convida o público a ser parte integrante e activa deste processo, experienciando através da sua própria imaginação, o reconhecimento e a compreensão deste mundo concreto que se pretende revelar e contar.

Sobre a ilustração

Este conjunto gráfico pretende afirmar-se enquanto elemento promotor da discussão sobre *Caetobriga*. A existência de aglomerado urbano no contexto regional da produção de produtos piscícolas do período romano imperial, do modo de vida da sua população, das relações

intra e extra fronteiriças que neste local se misturavam numa complexa e efusiva rede.

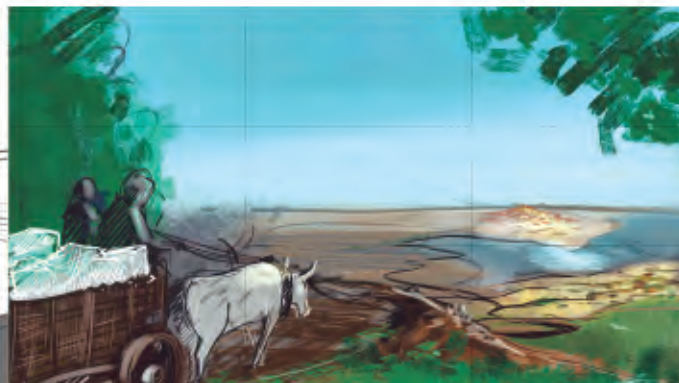
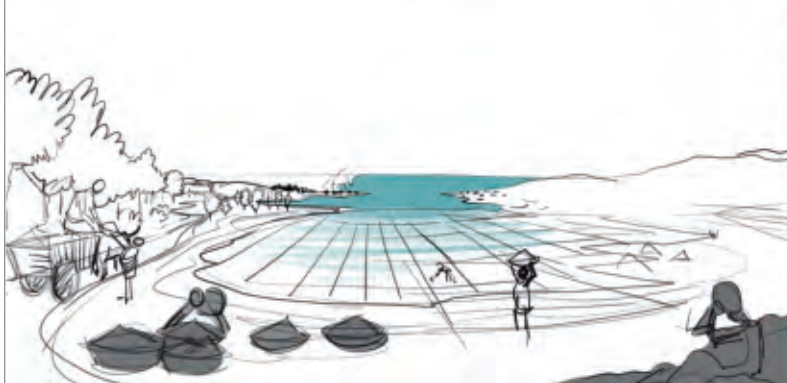
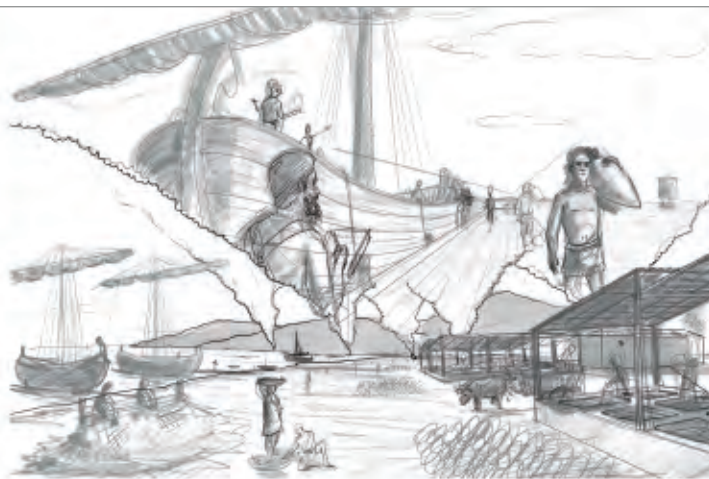
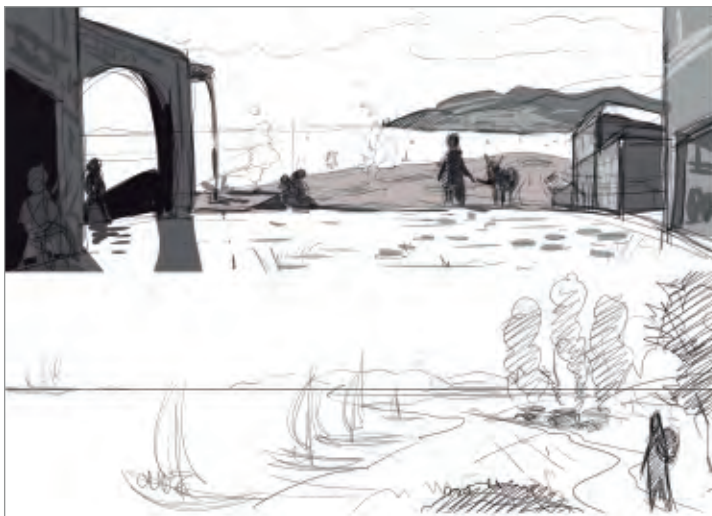
Cientes da impossibilidade temporal, resta-nos a recreação ilustrativa, sensorial, escrita e documental daquela época, e o desejo da vivência dessa realidade de um passado longínquo que ainda habita, em pequenos rasgos, o nosso presente. Essa vivência, enquanto acto revestido de maior complexidade e entrega, na busca do que poderá ter sido a existência de toda uma comunidade que reveste o que somos, o que é e, o que poderá ser.

A vila de *Caetobriga* não vivia isolada e fazia parte de um sistema romano imperial de domínio peninsular que se interligava por um sistema de vias terrestres e marítimas, a maior parte até hoje reconhecidas e identificadas. A via romana que ligava *Olisipo* (a actual Lisboa) a *Emerita Augusta* (Mérida, Espanha) passava nesta região e complementava as interligações terrestres entre os povos.

Na busca desse desejo, desafiei-me a algo que me levasse a uma “quase” viagem no tempo. Assim, iniciarei uma caminhada pela via romana *Emerita Augusta – Caetobriga*, registando em desenho e outros suportes a aproximada experiência de tal percurso particularmente com o século I em mente. Não de modo formal, utilizando meios e costumes idênticos aos de então, mas sim físico, sensorial e espiritual, este caminho servirá para perceber a dureza das tarefas de outrora e a esperança de ver essa experiência reflectida na ponta do lápis de ilustrações futuras.

Possibilitando, a todos e todas, que o possam assim desejar, o acompanhamento dessa experiência, durante um determinado período, inserido no decorrer da exposição.

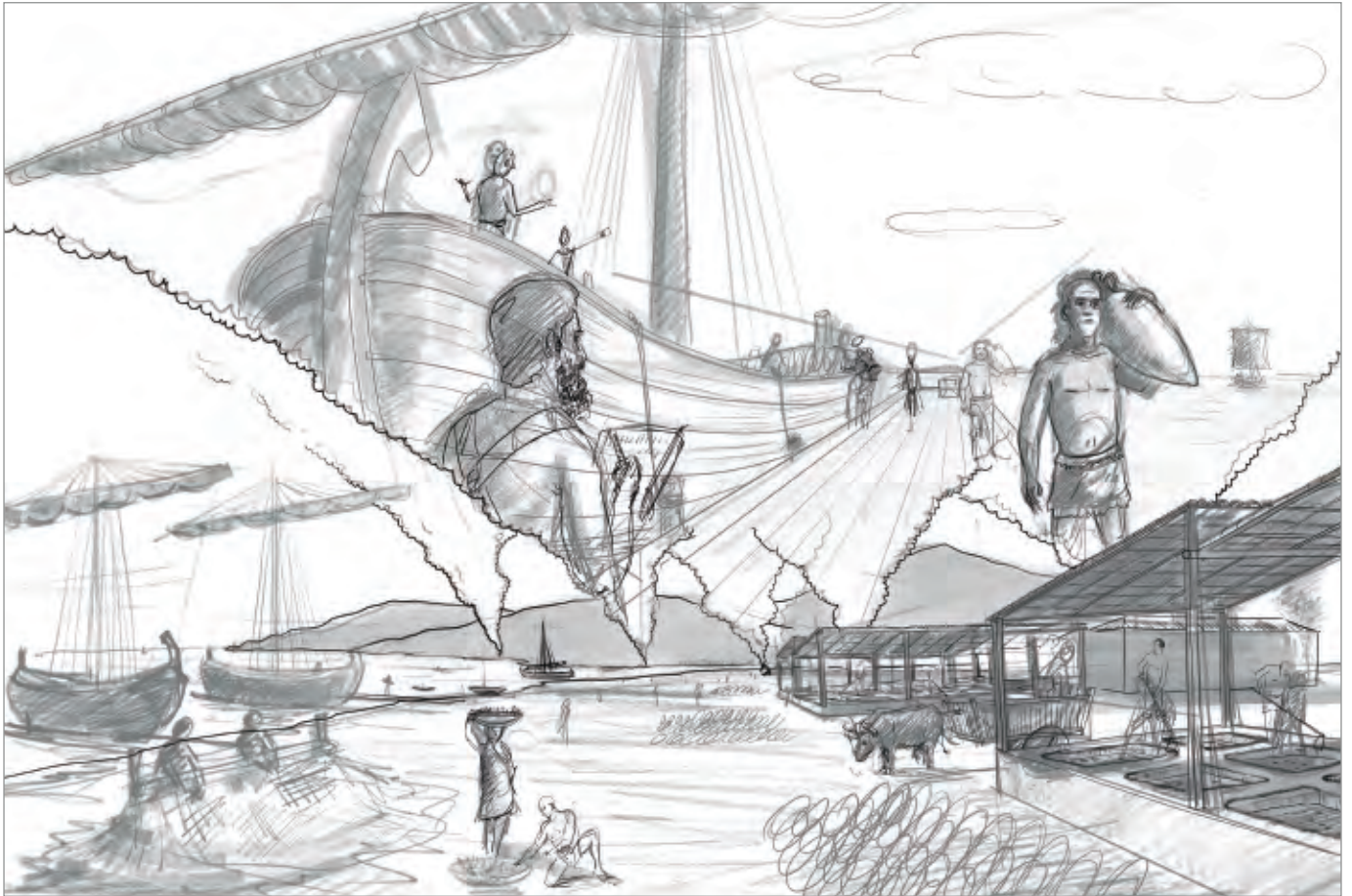
Zé Minderico



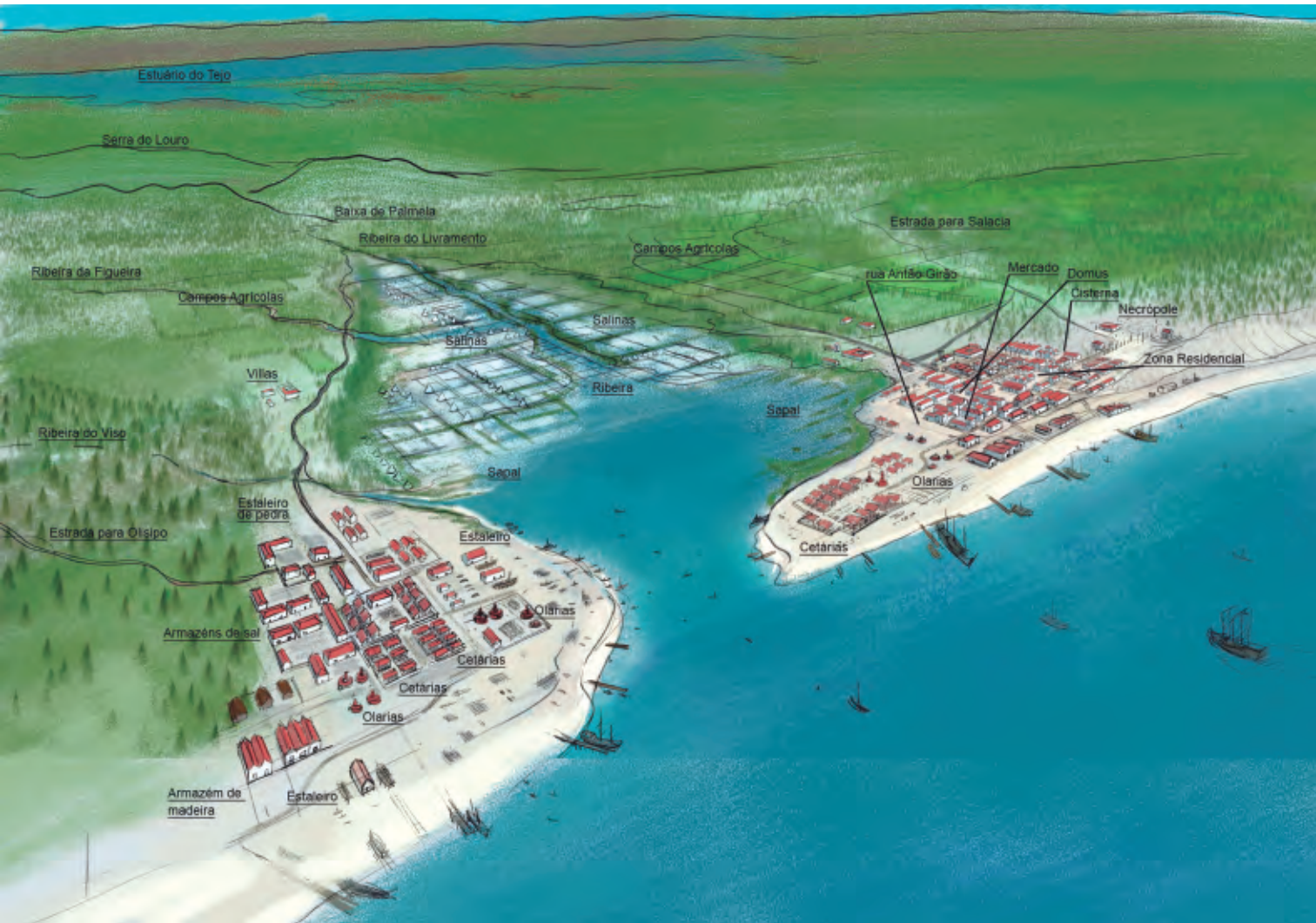
Painel 1 | Esquços de vistas panorâmicas. Composição e análise territorial. Desenho digital, 2021



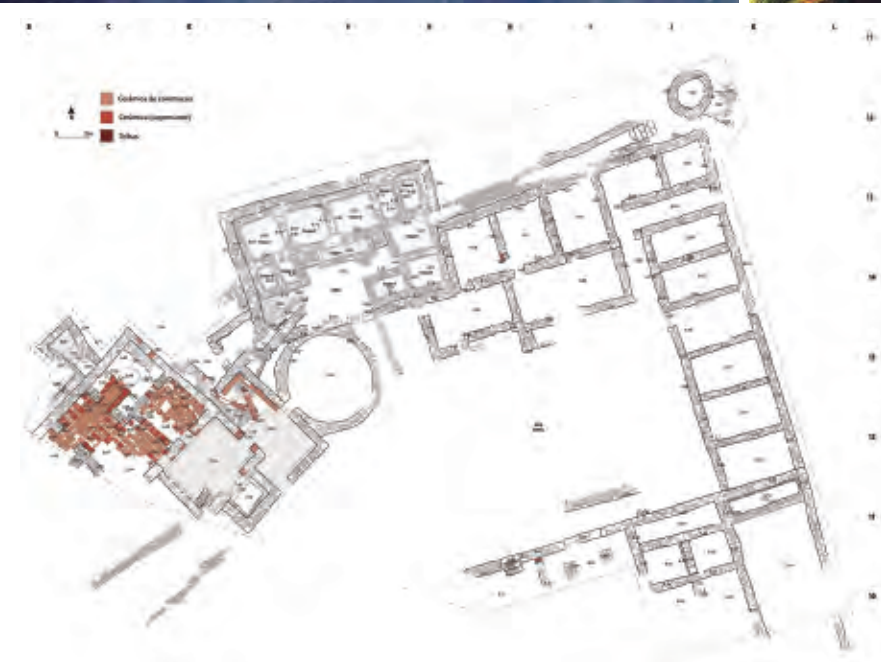
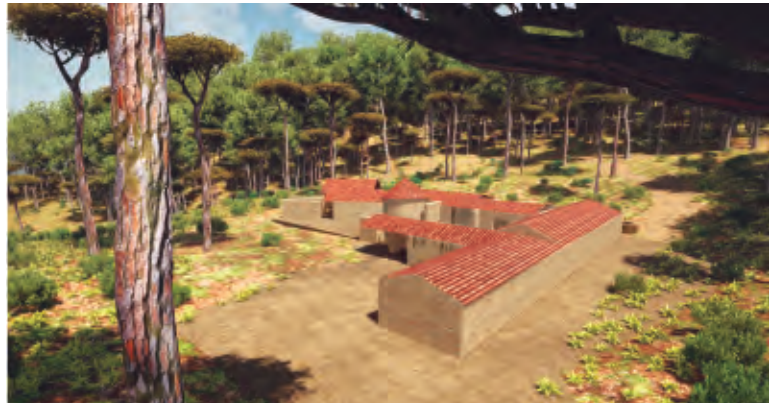
Pormenor de *Painel 1* | Desenho digital, 2021



Pormenor de *Painel 1* | Desenho digital, 2021



Painel 3 | Ilustração de estudo de escala e localização de pontos de referência. Vista aérea. Desenho digital, 2021



Painel 6 | Estudo de reconstituição do estabelecimento industrial romano do Creiro. Modelo desenvolvido em Blender e Twinmotion, 2021

Planta da fábrica do Creiro. Seg. Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho-Soares, 2016.

ZÉ MINDERICO



José Carlos Catraio Minderico | 21.6.1975

Setúbal, 2021. Vive em Setúbal e trabalha como arquiteto na Câmara Municipal de Setúbal.

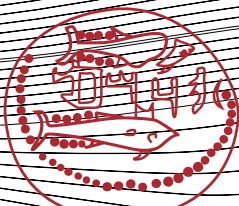
Formação: Mestrado em Anatomia Artística na Faculdade de Belas Artes, da Universidade de Lisboa. Licenciatura em Arquitetura e Urbanismo, Curso Superior de Arquitetura e Urbanismo da Escola Superior Gallaecia – F.C.O., em Vila Nova de Cerveira, 2000.

Exposições: Festa da Ilustração 2017, Exposição Ensemble Sketchbook, Casa Bocage, 2017. Exposição de Desenhos, Casa da Cultura, Setúbal, 2016. Participação no concurso de Escultura, na X Bienal de Artes de Vila Nova de Cerveira, 1999.

Elaboração de projectos de Reconstituição tridimensional: Pavimento Medieval e aspecto exterior da Casa do Corpo Santo, Setúbal. Reconstrução tridimensional a partir de achados arqueológicos do Coro Baixo da Igreja de Jesus, Convento de Jesus, Setúbal. Ilustrações sobre o quotidiano das freiras da Ordem das Clarissas do Convento de Jesus, Setúbal.

+351 91 91 400 57 | jcminderico@gmail.com

#AMRS
Associação de Municípios
da Região do Setúbal



MAEDS